

Brasil na dependência da Ásia

Risco para Japão e Coréia traz ameaça de agravamento da crise global. Situação de incerteza prejudica países emergentes

Ugo Braga e
Liana Verdini
Da equipe do **Correio**

A crise cambial da Ásia está no seu momento mais crítico. A ameaça agora é contra as duas maiores economias da região, Japão e Coréia do Sul, que, somam um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 5,5 trilhões. Só a possibilidade de queda dessa dupla já causa estragos no Brasil, mesmo que nenhum fato, algo concreto, aconteça. "Podemos dizer que o Brasil é um time que luta contra o rebaixamento mas depende de uma combinação de resultados para não cair", compara André Esteves, sócio-diretor do Banco Pactual, do Rio.

Não há data marcada para a volta da tranquilidade. A situação é delicada no curto, no médio e no longo prazos. O indicador mais claro para isso é o mercado de câmbio (troca do real por outras moedas, que indica o dinheiro que está entrando e saindo do Brasil). Tudo vinha bem em dezembro, os investidores começavam a trazer seus dólares para cá novamente e até o dia 8 o país contabilizava um ingresso líquido de US\$ 1,1 bilhão. Bastou que as bolsas asiáticas voltassem a cair para os investidores fugirem novamente. Terça, quarta e quinta-

feira, saíram nada menos que US\$ 324 milhões líquidos — um terço do que entrara na primeira semana do mês.

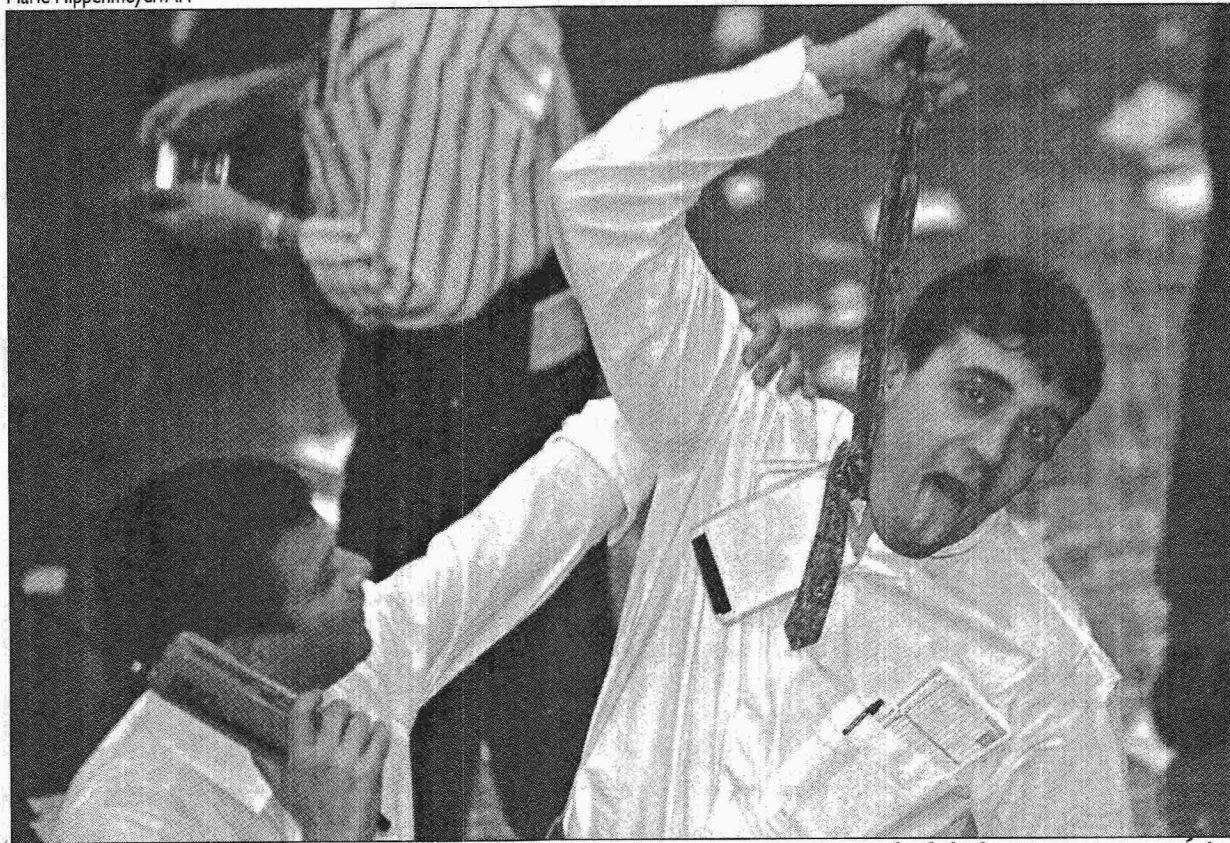
"Vamos passar um período difícil nos próximos 60 dias", estima Felipe Holanda, economista do Citibank. A credibilidade dos investidores internacionais nos mercados emergentes, que já não vinha nada boa desde que os especuladores atacaram o dólar de Hong Kong, em outubro, está cada vez pior. "E todos os países que precisam de capital externo serão ainda mais afetados daqui para frente", completa Holanda.

DÉFICIT

Dependência de capital externo. Esta é a chave da questão. Todos os países em desenvolvimento apresentam essa característica. Importam muito para equipar sua indústria ou mesmo para segurar a inflação com produtos mais baratos.

O preço é a saída de dólares em volume superior à entrada da moeda norte-americana. É o que se chama déficit em transações correntes. Quanto maior é esse déficit, mais dependente de capital externo é o país. E mais vulnerável a um ataque especulativo contra a moeda. Se os investidores, por desconfiança na economia, param de reter dólares, a situação se complica.

Marie Hippenmeyer/AFIP



Operador da Bolsa de Valores de São Paulo: humor sobre o prejuízo com crash global que começou na Ásia